
Meritocracia e léxico neoliberal: estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos na principal mídia de economia e negócios do Brasil¹

Thaís Regina AIELLO²

Luiz Alberto Beserra de FARIAS³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

O presente artigo aborda resultados de trabalho exploratório realizado no bojo da dissertação intitulada *Ideário neoliberal e cultura do management – Estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos a partir do conceito de meritocracia e do léxico neoliberal*, defendida pela autora, sob a orientação do coautor, pelo programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. A pesquisa envolveu o portal Exame.com, tendo como recorte a palavra-chave meritocracia, conceito que exerce papel basilar no pensamento neoliberal. Recorrendo à análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e com a utilização do software IRaMuTeQ, o estudo possibilita dar tangibilidade ao processo de construção de opiniões e geração de sentidos levado a cabo pela principal mídia de economia e negócios do Brasil entre 2008 e 2019. A pesquisa permitiu identificar os esforços para propagar, fortalecer e ratificar o ideário neoliberal, a partir da difusão de um modelo de vida e carreira afinado aos valores e interesses das classes dominantes.

Palavras-chave: neoliberalismo; comunicação e trabalho; construção de opinião; geração de sentidos; meritocracia.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Trabalho do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo; jornalista profissional pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); Pesquisadora no Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho (CPCT-ECA-USP). Email: aiellothaisregina@gmail.com.

³ Livre-docente em Opinião Pública na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); doutor em Comunicação e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (Prolam-USP); mestre em Comunicação e Mercado (Cáster Líbero); graduado em Relações Públicas e em Jornalismo. É professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (PósCom-Umesp) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM-ECA-USP). E-mail: lafarias@usp.br.

Introdução

Desde os anos de 1990 o Brasil vem se aprofundando no caldo neoliberal que tem moldado a cultura ocidental há mais de quatro décadas, a partir das gestões de Margaret Thatcher, no Reino Unido, e de Ronald Reagan, nos Estados Unidos. Seus governos deram materialidade e impulsionamento ao ideário e às práticas neoliberais, que acabaram por se espriar mundo afora e hoje estão entranhados na sociedade. Diante disso, valores como meritocracia, individualismo, sucesso, empreendedorismo e alta produtividade foram absorvidos como normalizantes e prescritíveis, impregnando o discurso de formadores de opinião e veículos de comunicação alinhados às classes dominantes, bem como das escolas de negócios, dos *think tanks* ideológicos e de outros aparatos a serviço da ideologia hegemônica.

Esses são atores que exercem influência para a estandardização de padrões que reforçam os princípios do sistema, em uma dinâmica na qual o processo de geração de sentidos se incumbe de sequestrar a subjetividade dos indivíduos, tornando-os partícipes de uma lógica perversa – ao plasmar como seus os valores dominantes, esses indivíduos passam a apoiar, defender e retroalimentar o caldo cultural que os mantém imersos e atados aos ditames de um regime que tem aprofundado as desigualdades e produzido sofrimentos, a exemplo do burnout ou doença do esgotamento profissional, síndrome que, desde janeiro de 2022, é reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como doença ocupacional.

Neste artigo, nos propomos a lançar luzes sobre esse cenário, tendo em vista dar contornos ao modo como a construção de opiniões e a geração de sentidos acerca do ideário neoliberal foi se impregnando na sociedade brasileira. Como recorte, optamos por estudar um ponto central desse sistema, que é o conceito da meritocracia.

Cultura meritocrática

Não há como pensar a meritocracia sem lançar um olhar crítico sobre o ideário neoliberal e a sociedade do produtivismo, o que fazemos aqui a partir de autores como David Harvey, Pierre Dardot, Christian Laval e Byung-Chul Han.

O neoliberalismo é, em primeiro lugar, uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser mais bem promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas. (HARVEY, 2014, p. 12).

Trata-se, portanto, de um sistema que preconiza, por um lado a intervenção mínima do Estado nos mercados e, por outro, a desobrigação do poder público com questões ligadas ao bem-estar social – e aqui a meritocracia ganha força como ideal ligado àqueles que trabalham arduamente e buscam desenvolver suas competências e habilidades, garantindo o sucesso que dispensa políticas sociais, como se as questões fossem de foro individual, e independentes de aspectos estruturais, sistêmicos, sociais e históricos. Ainda seguindo o pensamento de Harvey, podemos verificar o grau de enraizamento do ideário neoliberal e seu poder de influência:

[...] os defensores da proposta neoliberal ocupam atualmente posições de considerável influência no campo da educação (nas universidades e em muitos “bancos de ideias”), nos meios de comunicação, em conselhos de administração de corporações e instituições financeiras, em instituições-chave do Estado (áreas do Tesouro, bancos centrais), bem como em instituições internacionais como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e a organização Mundial do Comércio, que regulam as finanças e o comércio global. Em suma, o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretar, viverem e compreenderem o mundo. (Ibidem, p. 13).

Pierre Dardot e Christian Laval, observam que a ordem de mercado não configura um dado da natureza, mas um “produto artificial de uma história e de uma construção política”, que faz “da concorrência o princípio central da vida social e individual (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 70).

Os neoliberais opõem-se a qualquer ação que entrave o jogo da concorrência entre interesses privados. A intervenção do Estado tem até um sentido contrário: trata-se não de limitar o mercado por uma ação de correção ou compensação do Estado, mas de desenvolver e purificar o mercado concorrencial por um enquadramento jurídico cuidadosamente ajustado. (DARDO, LAVAL, 2016, p. 69).

Para Franco e coautores, é na doutrina neoliberal que a ação individual chega à sua hipertrofia máxima, inclusive com o surgimento do conceito de capital humano, que “implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autovalorização constante, medida pela lógica da mercadoria”.

Quando o indivíduo é colocado como centro da dinâmica, na verdade pesa sobre ele com o máximo vigor uma lei externa, a lei da valorização do capital. Ao internalizá-la, é o próprio indivíduo que passa a exigir de si mesmo ser um empreendedor bem-sucedido, buscando “otimizar” o potencial de todos os seus atributos capazes de ser “valorizados”, tais como imaginação, motivação, autonomia, responsabilidade. Essa subjetividade ilusoriamente inflada provoca, inevitavelmente, no momento do seu absoluto esvaziamento, frustração, angústia associada ao fracasso e autoculpabilização; a patologia típica nesse contexto é a depressão. (FRANCO et al, 2021, p. 48).

Esse é o cenário do que Byung-Chul Han cunhou de Sociedade do Cansaço. Diferentemente da sociedade disciplinar de Foucault, marcada por controle, negatividade e pelo não-ter-direito, a Sociedade do Cansaço do século XXI se caracteriza pelo excesso de estímulos, informações e impulsos, dentro de um contexto tipificado por uma positividade tóxica e pela inexistência de espaço para a dor.

Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um

maior crescimento. A positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. (HAN, 2017, p. 25).

Vale destacar que, na Sociedade do Cansaço, também denominada por Han como Sociedade da Produtividade, o imperativo do dever permanece ativo, uma vez que “o sujeito do desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho (HAN, 2017, p. 29-30). Segundo o autor, trata-se de uma forma de exploração ainda mais eficiente, pois reveste o outro de uma sensação de liberdade, em uma conjuntura na qual “agressor e vítima não podem mais ser distinguidos”.

Em nossa dissertação, chegamos a conjecturar que, no ideário da sociedade neoliberal, o sujeito se torna uma espécie de feitor de si.

Ainda que o termo possa parecer forte, por aludir às profundezas do regime escravocrata e a formas de “gestão” por ele engendradas, a analogia nos remete a um réquiem macabro da contemporaneidade que está longe de ser um exagero. De feitor a capataz, de capataz a gerente, de gerente a gerente de si mesmo, há um enredo calcado na cultura da pressão, que traz em sua tessitura suplícios que vão do físico ao psicológico. (AIELLO, 2023, p.17).

Na Sociedade do Cansaço, a coação por performance e produtividade se dá independentemente de pressões externas, uma vez que o próprio indivíduo, internalizando os valores e as crenças do sistema, toma para si a incumbência do sucesso, que dependeria tão somente do esforço, do trabalho árduo e das competências do indivíduo – ou seja, de seu mérito.

Barbosa (2001) entende a meritocracia como o principal critério de hierarquização social das sociedades modernas. No âmbito ideológico, a autora define o conceito como “um conjunto de valores que postula que as posições dos indivíduos na sociedade devem ser consequência do mérito de cada um. Ou seja, do reconhecimento público da qualidade das realizações individuais. (BARBOSA, 2001, p. 21-22).

A autora, entretanto, estabelece uma diferenciação entre a meritocracia enquanto critério lógico de ordenação social e a meritocracia como ideologia.

No primeiro caso, o mérito [...] é invocado como critério de ordenação dos membros apenas em determinadas circunstâncias. No segundo caso, ele é o valor englobante, o critério fundamental e considerado moralmente correto para toda e qualquer ordenação social, principalmente no que diz respeito à posição socioeconômica das pessoas. Ou seja, num universo social fundado numa ideologia meritocrática, as únicas hierarquias legítimas e desejáveis são aquelas baseadas na seleção dos melhores. Prestígio, honra, status e bens materiais devem ser concedidos àqueles selecionados como os melhores. (BARBOSA, 2001, p. 31).

Já Marilena Chauí introduz o conceito de ideologia da competência, segundo a qual “não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa e em qualquer circunstância” (CHAUI, 2014, p. 87). Assim, podemos inferir que meritocracia e ideologia da competência são concepções imbricadas e que, lado a lado, constituem um caldo que reforça o ideário neoliberal e suas prescrições normativas de sucesso e de todo o enredo que se constrói a partir dessas formulações.

Uma mudança profunda ocorre na sociedade pós-industrial com o advento da sociedade do conhecimento, na medida em que nesta se afirma que a sociedade no seu todo, e não apenas na economia, deve seguir normas e regras determinadas pela racionalidade científica, cujo pressuposto é o de que a ciência governa o mundo. Nasce, aqui, a nova ideologia, que podemos designar como ideologia da competência ou do discurso competente. (CHAUI, 2013, p. 87).

O prestígio conferido ao conhecimento científico-tecnológico tensiona questões relativas às diferenças de classe, tendo em vista que há muito tempo na história humana o acesso à educação e à formação diferenciada constituem privilégio aqueles com maior poder econômico. Nessa perspectiva, a meritocracia apresenta um viés, pois as condições ofertadas são díspares e assimétricas.

Uma ressalva importante feita por Barbosa diz respeito ao fato de a meritocracia não constituir, sob o ponto de vista histórico, um atributo peculiar às sociedades modernas. Para ela, o peculiar está no fato de a meritocracia ter se tornado um sistema essencial às sociedades democráticas modernas e igualitárias, cujo princípio estruturante da vida social consiste no fato de os indivíduos nascerem livres e iguais. A filosofia central desse sistema se baseia na comparação e na classificação das pessoas de acordo com o desempenho individual. “Àqueles que conquistam os lugares mais altos nessa hierarquia atribui-se reconhecimento público e formal – mérito – sob a forma de cargos, salários, privilégios, status e prestígio”. (BARBOSA, 2001, p. 33).

Para a autora, enquanto ideologia estruturante do que seria um sistema democrático, a meritocracia acabou por gerar desigualdades funcionais que, historicamente, se tornaram sociais.

[...] de uma forma de combater privilégios e injustiças [a lógica meritocrática] se converte numa ideologia que confere honra, status e prestígios excessivos a determinados indivíduos em virtude de seus méritos e reserva punição severa para outros em consequência de seus fracassos. De mecanismo de combate à discriminação social no passado, a meritocracia se torna critério de discriminação social das sociedades modernas. (BARBOSA, 2001, p. 35).

Para darmos continuidade às nossas reflexões, torna-se essencial lançar um olhar sobre comunicação e trabalho, que juntos formam um binômio indissociável.

Comunicação e trabalho

Quando pensamos em linguagem, comunicação e trabalho, se faz necessária uma visita aos estudos de Leontiev (2004), para o trabalho humano é “uma atividade originariamente social, assente na cooperação entre os indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja, das funções do trabalho” (LEONTIEV, 2004, p. 81). Dessa forma, o trabalho se dá como ação sobre a natureza, “ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação”. A consciência humana seria, assim, fruto do processo do trabalho e da interação coletiva.

Para Leontiev, dois elementos interdependentes caracterizam o desenvolvimento do trabalho e do homem. O primeiro diz respeito à efetivação do trabalho como atividade comum coletiva, enquanto o segundo envolve a fabricação e o uso de instrumentos, uma primeira abstração consciente e racional que surge como elaboração social no decurso do trabalho coletivo. Segundo Leontiev, dispor de um instrumento não significa simplesmente possuí-lo, mas dominar o meio de ação de que ele é o objeto material de realização (LEONTIEV, 2004, p. 89).

Roseli Fígaro observa que comunicação e trabalho são constitutivos do Ser social, compondo aspectos fundantes da ontologia do Ser social.

[...] a comunicação é o elo que permite ao sujeito trabalhar e expressar-se como Ser social. A palavra [...] dá sentido [à atividade de trabalho], tem valor, é uma ação permeada pela ideologia. Daí a importância dos discursos que circulam o mundo do trabalho. [...] é no discurso e pelo discurso que se identificam as contradições das situações vivenciadas no trabalho. (FIGARO, 2018, p. 179-180).

Para a pesquisadora, a palavra configura a arena das lutas sociais, uma vez que é forjada “na dialética entre o estabelecido e o vir a ser”. Assim, a palavra se torna “sensível à mais ínfima mudança social [por ser] ‘unha e carne’ da atividade de trabalho” (FIGARO, 2008, p. 19).

Maria Aparecida Baccega advogava que a ideologia só existe na prática social, sendo que as linguagens exercem a mediação entre o homem e a realidade objetiva. Organizados socialmente, os indivíduos estabelecem uma espécie de contrato entre si, segundo o qual as palavras assumem significados em discursos (BACCEGA, 1995, p. 31). Para ela, a ideologia consistiria em um sistema de valores, pleno de representações, de imagens – o modo de ver o mundo, modo de ver a sociedade, modo que o homem se vê a si e aos outros.

[A ideologia] enfeixa os pontos de vista dos homens que vivem num determinado grupo, classe social ou nação. Tem o poder de “condicionar as atitudes dos homens” e levá-los a praticar (ou

considerar que praticam) ações que eles consideram as mais adequadas para não se desviar desse sistema de valores. Mostra-se coerente e sistematizada, o que lhe garante a sua força. (BACCEGA, 1995, p. 34).

Na concepção de Chauí, a ideologia enreda aspectos tanto objetivos quanto involuntariamente subjetivos. Ao difundir ideias e valores dominantes como se fossem universais, ela oblitera a divisão social das classes e a exploração econômica.

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo, de representações e práticas (normas, regras e preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes. (CHAUI, 2021, p. 53).

Luiz Alberto de Farias ensina que “a construção da realidade se dá de acordo com a capacidade de cada pessoa enxergar a partir de suas lentes pessoais e sociais, de seus óculos filtrantes da realidade, de seus filtros, pela polifonia presente nos diversos tempos e espaços a que estamos sujeitos” (FARIAS, 2019, p. 21). O pesquisador destaca a volatilidade que perpassa a construção de opiniões e geração de sentidos na diante da evolução tecnológica, que estabelece uma dinâmica na qual a opinião pública se configura e reconfigura em um ritmo cada vez mais célere.

[...] construir sentidos e gerar opinião pública não é apenas uma luta de maiorias contra minorias, mas uma disputa em meio a uma guerra sem sentidos. E mesmo as chamadas minorias podem ser numericamente superiores, mas minorizadas [...] pelos grupos detentores de maior poder. O subjugo semântico dá força à manutenção do poder àqueles que dominam o discurso. (FARIAS, 2019, p. 132-133).

Passemos agora ao trabalho exploratório realizado a partir do termo meritocracia no portal Exame.com, no período de 2008 a 2019.

Meritocracia na Exame.com

Nosso estudo envolveu trabalho exploratório no portal Exame.com, principal mídia de economia e negócios do Brasil, tendo como recorte a palavra-chave meritocracia. O intervalo temporal da pesquisa ficou estabelecido entre outubro de 2008, ocasião do primeiro conteúdo disponível a partir do termo delimitador, e dezembro de 2019, quando a marca Exame foi a leilão, sendo arrematada pelo banco de investimentos BTG Pactual. No período em questão, foram identificadas 460 matérias contendo o vocábulo meritocracia. Leitura extensa e cuidadosa fundamentaram a delimitação da amostra, que priorizou conteúdos nos quais o conceito de meritocracia mostrava-se relacionado à gestão corporativa. Nessa perspectiva, foram desconsideradas 224 matérias que tratavam o tema nos âmbitos da educação e da gestão pública, o que resultou em um corpus final de 236 publicações.

Como metodologia de pesquisa, recorreremos à análise de conteúdo (BARDIN, 1977), utilizando como ferramental a Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (IRaMuTeQ), tecnologia adequada a corpus mais extensos e que possibilita identificar o contexto em que as palavras ocorrem. Além de análise lexical, o software cuida de particionar o texto “em classes hierárquicas, identificadas a partir dos segmentos de textos que compartilham o mesmo vocabulário, facilitando, assim, o pesquisador conhecer seu teor” (SALVIATI, 2017, p.4).

Para efeito de análise das 236 matérias selecionadas, o software IRaMuTeQ procedeu à separação do corpus em 6.158 segmentos de texto (ST), dos quais foram levados em consideração 5.819, em um índice de aproveitamento de 94,49% do material geral. O conteúdo foi, então, categorizado em cinco classes: 1) A cultura do management no empreendedorismo; 2) Relações no mundo do trabalho e a rotina do ambiente corporativo; 3) Perfil de ocupação de cargos dentro das empresas e desigualdade de gênero; 4) Dinâmica de trabalho com base na máxima produtividade e meritocracia; 5) Atuação de grandes empresários no mercado empresarial. Em cada classe, foi possível verificar as ideias predominantes e o léxico empregado.

Pelo IRaMuTeQ, obtivemos também o dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente. Além da divisão do corpus por classe, com indicação do respectivo volume representativo, o sistema estabelece a correção entre os sistemas. No caso, o software detectou similaridades entre a classe 1, de maior extensão (31,84%), com a classe 2 (11,51%), bem como entre as classes 3 (14,83%) e 4 (29,30%), enquanto a classe 5 (12,51%) ficou apartada do restante.

No estudo dos resultados, observamos que, para efeito do nosso propósito, era essa última classe que justamente exercia papel estruturante para o processo de construção de opiniões e geração de sentidos acerca do conceito da meritocracia. Isso porque o conteúdo ali agrupado reunia matérias de exaltação ao modelo de gestão bilionária de empresários brasileiros que, segundo Exame, personificam a cultura meritocrática no país – notadamente Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto.

Donos da Ambev e de vários outros empreendimentos – inclusive da varejista Americanas, em recuperação judicial diante de uma possível fraude fiscal estimada em até R\$ 40 bilhões – os três integram há anos o ranking da revista Forbes de bilionários brasileiros. O IRaMuTeQ identificou que, na classe 5, o termo “Lemann” alcançou o valor máximo, segundo critério estatístico que permite vislumbrar a intensidade de palavras e radicais presentes em cada unidade. Na contagem de palavras, via Word, observa-se Lemann com 216 citações, seguido por Telles (120) e Sicupira (116) – sequência que, curiosamente, repete a primazia guardada pela proporcionalidade do tamanho da fortuna de cada um.

A narrativa em torno desses personagens parece articular a ideia de que, juntos, eles potencializam seus talentos e competências individuais. Pode-se vislumbrar, de fato, a existência de um trabalho estratégico e sistemático de relações públicas para a gestão da imagem do trio em conjunto e de cada um deles separadamente. O *modus operandi* dos três, tanto na gestão dos negócios como na cultura que disseminam acerca de formação de lideranças, construção de uma elite de talentos e gestão de pessoas, é explicitado, com vistas a reforçar um padrão a ser seguido. Um exemplo é a busca do

perfil PSD — *poor, smart, deep desire to get rich* (pobres, espertos, com muita vontade de ficar rico), preferência de Lemann.

Se a classe 5 traz os pilares sobre os quais se alicerçam a construção de opiniões e a geração de sentidos operacionalizadas por Exame, as demais classes também fornecem subsídios relevantes para compreender o processo pelo qual o ideário neoliberal se impõe, a partir do conceito da meritocracia. Essa é tratada como algo dado, como a solução que ajusta os problemas da sociedade ao premiar os mais talentosos e esforçados, que merecidamente teriam direito a um quinhão maior do que os menos competentes e que não se empenham a contento. Haveria, portanto, uma individualização da responsabilidade, abstraindo-se questões sistêmicas e estruturais.

Uma questão exemplar identificada em nossa pesquisa diz respeito à culpabilização das mulheres pelo fato de não alcançarem posições na alta liderança ou de, em cargos equivalentes, receberem salários inferiores aos dos homens, o que ocorreria em função das escolhas de carreira dessas profissionais, sem levar em conta aspectos estruturais, históricos e sistêmicos da condição feminina e a forma como a sociedade permanece estruturada, com os papéis sociais da mulher e suas especificidades biológicas na reprodução da espécie.

O incentivo à hiperprodutividade também se mostra presente em nossa pesquisa, inclusive com o que poderia ser considerada uma mensagem subliminar de que “dormir é para os fracos”. No corpus estudado, é frequente a menção de que, aqueles que prosperam, acordam cedo, tanto que várias matérias chegam a citar reuniões e encontros realizados às 6h30 da manhã. Não basta dormir pouco ou acordar cedo: é preciso estar hipervigilante ao movimento do mercado e, nesse sentido, são exaltados aqueles que rotineiramente despertam no meio da madrugada para acompanhar as bolsas asiáticas. O que subjaz nesse contexto é o estímulo para que a produtividade invada o sono das pessoas, sem permitir sequer a recuperação do indivíduo para que continue a produzir.

Tendo em vista que o conceito de meritocracia exerce papel basilar no pensamento neoliberal, acreditamos que nosso estudo contribui para dar tangibilidade ao processo de construção de opiniões e geração de sentidos levado a cabo pela principal mídia de

economia e negócios do Brasil. A pesquisa permitiu identificar os esforços para propagar, fortalecer e ratificar o ideário neoliberal, a partir da difusão de um modelo de vida e carreira afinado aos valores e interesses das classes dominantes, sendo que, para além de do mundo do trabalho, verifica-se igualmente um transbordamento para a sociedade acerca de atitudes e comportamentos considerados imprescindíveis ao sucesso, reforçando-se a ideia de responsabilidade individual e de recompensas proporcionais ao esforço empreendido, uma vez que, segundo a cultura meritocrática, o retorno chega para quem trabalha duro, tem alto desempenho, busca resultados, bate metas e excede expectativas.

Considerações

Por meio da análise de conteúdo realizada a partir do portal Exame.com, tendo como palavra-chave a expressão meritocracia, conceito basilar do ideário neoliberal, foi possível alcançar a tangibilidade do processo de construção de opiniões e geração de sentidos perpetrado pela principal mídia de economia e negócios do país ao longo de um período de mais de uma década, precisamente entre outubro de 2008 e dezembro de 2019.

Ressalta-se que a concretude dos esforços voltados à construção de opiniões e geração de sentidos alinhados ao pensamento hegemônico pode ser constatada não apenas por meio das matérias analisadas, mas também na ação de aparatos estratégicos, a exemplo de *think tanks* ideológicos cujo *modus operandi* é tratado no conteúdo do portal. Realizada de modo contínuo e aparentemente de forma planejada, inclusive difundindo um léxico específico que é interiorizado e replicado pelo público, a dinâmica de construção de opiniões e geração de sentidos acaba tendo um efeito potencializador, uma vez que prescreve uma fórmula de sucesso que é assimilada e compartilhada pelos indivíduos, eles mesmos atuando para retroalimentar o sistema e, assim, reforçar de bom grado a ideologia dominante.

Pudemos concluir também que, se adotarmos a mesma perspectiva do capitalismo neoliberal, segundo a qual a lógica dos números e dos resultados se impõe como parâmetro na hora de identificar o sucesso de um empreendimento, torna-se viável pensar que a meritocracia – e, ademais, todo o ideário que permeia o neoliberalismo – não

representam um bom negócio para o planeta, uma vez que, nas últimas décadas, o sistema neoliberal favoreceu a concentração de renda e ampliou a desigualdade social, tanto que, segundo dados do relatório A “sobrevivência” do mais rico (2023), da Oxfam International, indica que a partir de 2020 o fosso entre os mais ricos e o restante da população tornou-se ainda maior.

Os que estão entre o 1% mais rico se apropriaram de quase dois terços de toda a nova riqueza, o que representa seis vezes mais do que os quase 8 bilhões de pessoas que compõem os 90% mais pobres da humanidade. Em outras palavras: a cada dólar de nova riqueza global obtido por alguém situado nos 90% mais pobres, um dos bilionários do mundo ganhou 1,7 milhão. Nessa medida, pela própria régua do capitalismo neoliberal, essa é uma conta que não fecha e que nos suscita uma inquietação: estaríamos vivendo uma versão contemporânea da banalidade do mal que Hannah Arendt tão bem delineou em sua obra *Eichmann em Jerusalém*? Intensificaremos nossas pesquisas em busca de novas perspectivas para essa questão.

REFERÊNCIAS

AIELLO, T.R. **Ideário neoliberal e cultura do management**: estudo sobre construção de opiniões e geração de sentidos a partir do conceito de meritocracia e do léxico neoliberal. São Paulo: 2023. Disponível em <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2297>

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2021.

BARBOSA, Livia. **Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. Organizador: André Rocha. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2021.

_____. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 2014.

_____. **O ser humano é um ser social**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

CHRISTENSEN, Martin-Brehm et all. **A “sobrevivência” do mais rico**. Oxfam International, 2023). Disponível em <https://www.oxfam.org.br/forum-economico-de-davos/a-sobrevivencia-do-mais-rico/>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FARIAS, Luiz Alberto de. **Opiniões voláteis: opinião pública e construção de sentido**. São Bernardo do campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2019.

FIGARO, R., **Atividade de comunicação e e trabalho**. Revista Trabalho, Educação Saúde. Fiocruz, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462008000100007

_____. **Comunicação e trabalho: implicações teórico-metodológicas**. Revista Galaxia. PUC-SP, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/35905>

_____. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

FRANCO, F, CASTRO, J.C.L., MAANZI, R., SAFFATLE, V, AFSHAR, Y. **O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo**. In: Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/493897545/LEONTIEV-A-N-O-Desenvolvimento-Do-Psiquismo>

SALVIATI, Maria E. **Manual do Aplicativo IRaMuTeQ: versão 0.7 Alpha 2 e R 3.2.3**. Planaltina, 2017. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati/view>.